

OS TEMAS E OS PROBLEMAS

UM SABER EM ESPIRAL:
DESAFIOS AO CONHECIMENTO
HUMANO NO SÉCULO XXI

NESOLOGIA: PECULIARIDADES
GNOSIOLÓGICAS DAS ILHAS

CONHECIMENTO CIENTÍFICO E
HUMANIZAÇÃO DA PAISAGEM

HISTÓRIA DA MADEIRA

CULTURA, LINGUAGENS E
CRIAÇÃO ARTÍSTICA

EDUCAÇÃO, FORMAÇÃO
HUMANA E PROFISSIONAL
E DESAFIOS DA SOCIEDADE
MADEIRENSE

POLÍTICA, SOLIDARIEDADES,
COMUNICAÇÃO E DIÁSPORAS



Conhecer é a forma suprema da razão humana dominar o mundo, ou seja, de se sentir senhora da vida e da terra habitada. A sistematização do conhecimento de forma distinta e organizada por disciplinas decorre, entretanto, da vontade de ordenar o caos do saber. O conhecimento sistemático oferece-nos então um mapa orientador, que nos dá a impressão pacificante de que abarcamos a realidade e dominamos o caos.

Cada época cultural sentiu a necessidade de realizar esta sistematização, quer em versão de compêndios multidisciplinares, quer em versão de enciclopédia.

Esta obra resulta justamente de um evento científico realizado no quadro de um grande projeto de produção de um novo saber enciclopédico sobre a região autónoma da Madeira.

Foi a partir dos resultados de pesquisa e das reflexões apresentadas nesse evento que esta obra se estruturou, assumindo-se que o maior dos desafios seria uma aposta forte na interdisciplinaridade e na discussão das suas possibilidades e dos seus limites em tempos de acentuada especialização.

Os que se interessam pelos temas madeirenses, articulados e enquadrados por reflexões epistemológicas que interessam à problematização do processo de produção de conhecimento no século XXI, encontrarão aqui, com certeza, leituras estimulantes.

QUE SABER{ES}
PARA O SÉCULO XXI?



HISTÓRIA, CULTURA E
CIÊNCIA NA MADEIRA



QUE SABER{ES} PARA O SÉCULO XXI?

HISTÓRIA, CULTURA E CIÊNCIA NA MADEIRA



COORDENADORES
JOSÉ
EDUARDO
FRANCO
E CRISTINA
TRINDADE

COORDENADORES
JOSÉ EDUARDO FRANCO
E CRISTINA TRINDADE

OS AUTORES

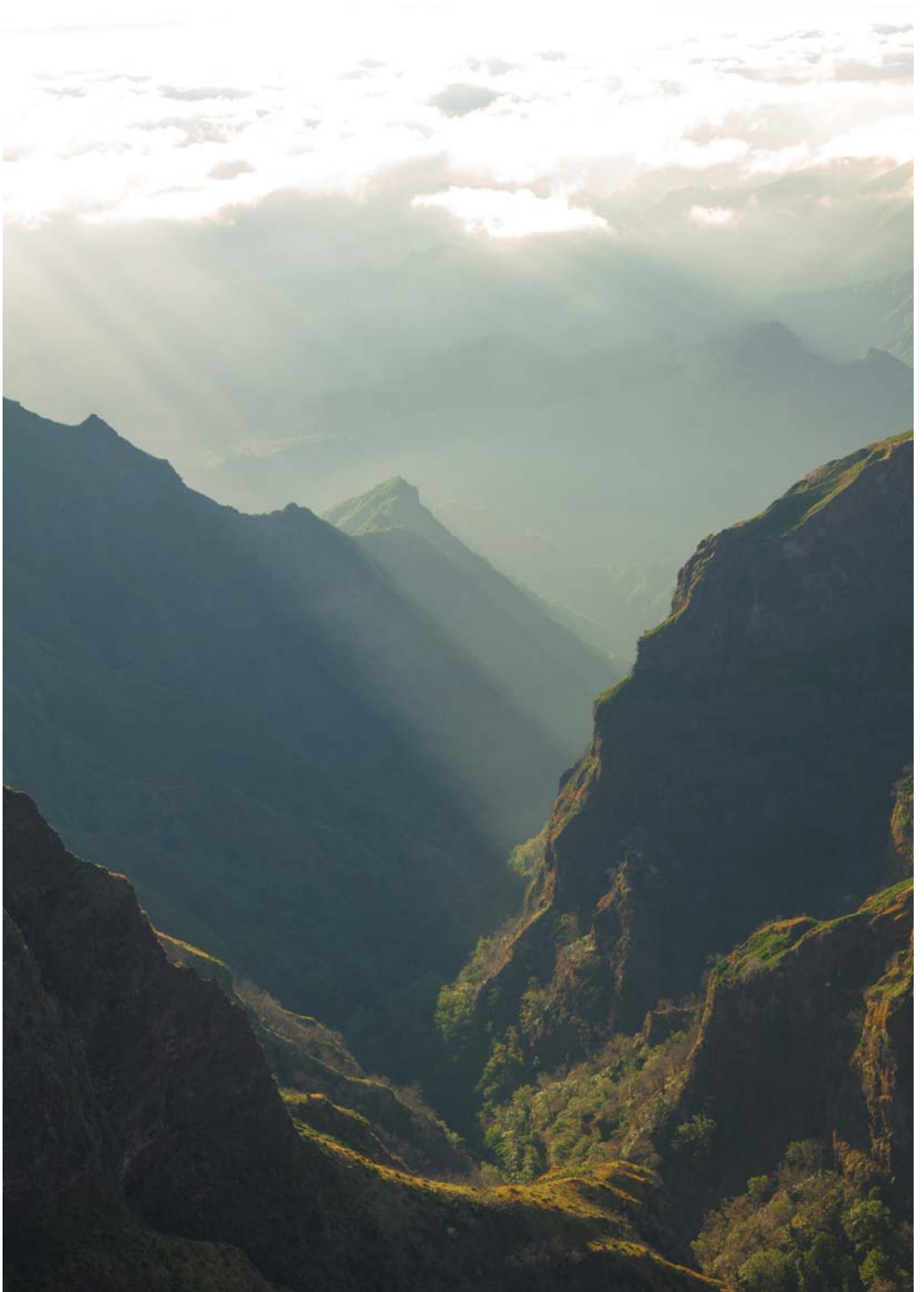
Alberto Vieira
Aline Bazenga
Ana Cristina Trindade
Ana Londral
Annabela Rita
Carla Lucas
Carlos Valente
Catarina Faria
Cristina Coelho
Cristina Trindade
Custódia Drumond
Daniela Marcheschi
Ernesto Rodrigues
Filipa Oliveira
Guilherme Silva
Isabel Santa Clara
Jacinto Jardim
Joana Balsa de Pinho
João David Pinto Correia
João Relvão Caetano
Jorge Freitas Branco
José Eduardo Franco
José Manuel Paquete de Oliveira
José Renato Gonçalves
Luís Machado de Abreu
Luísa Marinho Antunes
Luísa Soares
Marc Augé
Miguel Sequeira
Nelson Veríssimo
Paulo Miguel Rodrigues
Raimundo Quintal
Rui Carita
Simão Silva
Teresa Norton Dias
Thierry Proença
Thomas Dellinger
Viriato Soromenho-Marques

Projeto 'Aprender a Madeira – Dicionário de História da Madeira'
apoiado pelo programa Intervir +
www.aprenderamadeira.net



CLEPUL | Centro de Literaturas
e Culturas Lusófonas
e Europeias
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa





• COLEÇÃO ESTUDOS INSULARES •

DIREÇÃO

José Eduardo Franco
José Manuel Paquete de Oliveira

CONSELHO CIENTÍFICO CONSULTIVO

Alberto Vieira, Aline Bazenga, Ana Rita Londral
Carlos Valente, Cristina Trindade, Custódia Drumond
Eduardo Jesus, Isabel Santa Clara, Jacinto Jardim
João David Pinto-Correia, Jorge Freitas Branco
José Agostinho Jardim Gonçalves, Luísa Marinho Antunes Paolinelli
Luísa Soares, Miguel Sequeira, Nelson Veríssimo
Paulo Miguel Rodrigues, Raimundo Quintal, Renato Gonçalves
Rui Carita, Saturino Gomes, Silvío Fernandes, Simão Daniel Silva,
Teresa Norton Dias, Thierry Proença, Thomas Dellinger

A condição insular foi geradora de cultura, de literatura, de modos de estar e de pensar com matizes peculiares conferidos pela mundividência de quem nasceu com a marca de ter o mar como grande e vasta fronteira. Esta coleção pretende publicar obras sobre autores, temas e problemas que valorizem a herança cultural gerada nas ilhas, nomeadamente nas ilhas portuguesas.

QUE SABER{ES} PARA O SÉCULO XXI?

HISTÓRIA, CULTURA E CIÊNCIA NA MADEIRA

Esta obra foi publicada no âmbito do projeto
'Aprender a Madeira – Dicionário de História da Madeira',
apoiado pelo programa 'Intervir +' www.aprenderamadeira.net

TÍTULO

Que Saber(es) para o Século XXI?
História, Cultura e Ciência na Madeira

COORDENADORES

José Eduardo Franco e Cristina Trindade

AUTORES

Alberto Vieira, Aline Bazenga, Ana Londral, Annabela Rita
Carla Lucas, Carlos Valente, Catarina Faria, Cristina Coelho
Cristina Trindade, Custódia Drumond, Daniela Marcheschi, Ernesto Rodrigues
Filipa Oliveira, Guilherme Silva, Isabel Santa Clara, Jacinto Jardim
Joana Balsa de Pinho, João David Pinto-Correia, João Relvão Caetano
Jorge Freitas Branco, José Eduardo Franco, José Manuel Paquete de Oliveira
José Renato Gonçalves, Luis Machado de Abreu, Luísa Marinho Antunes
Luísa Soares, Marc Augé, Miguel Sequeira, Nelson Veríssimo
Paulo Miguel Rodrigues, Raimundo Quintal, Rui Carita, Simão Silva
Teresa Norton Dias, Thierry Proença, Thomas Dellinger, Viriato Soromenho-Marques

DIREITOS RESERVADOS

© Esfera do Caos Editores, APCA e Autores

DESIGN DA CAPA

DesignGlow

FOTOGRAFIAS EXTRA-CAPÍTULOS

(SEPARADORES DE PARTES E SECÇÕES, E PÁGINAS INICIAL E FINAL)

© Florentino Bernardes Franco

IMPRESSÃO E ACABAMENTO ACD PRINT

DEPÓSITO LEGAL 385734/14

ISBN 978-989-680-133-5

1ª EDIÇÃO Dezembro de 2014

ESFERA DO CAOS EDITORES

Campo Grande
Apartado 52199
1721-501 Lisboa

www.esferadocaos.pt

APCA – AGÊNCIA DE PROMOÇÃO DA CULTURA ATLÂNTICA

Estrada Comandante Camacho de Freitas, 516
9020-152 Funchal

www.apca-madeira.org

QUE SABER{ES} PARA O SÉCULO XXI?

HISTÓRIA, CULTURA E CIÊNCIA NA MADEIRA

COORDENADORES

JOSÉ EDUARDO FRANCO
E CRISTINA TRINDADE


ESFERA DO CAOS
EDITORES


apca
AGÊNCIA DE | PROMOÇÃO DA CULTURA ATLÂNTICA

Madeira Audiovisual: produção, distribuição e ensino

Carlos Valente

Universidade da Madeira

Para traçar uma breve panorâmica da evolução por que passou o audiovisual na Madeira devemos começar precisamente pela mais antiga das linguagens, o cinema, que é também uma indústria e uma forma de arte. Um cinema que, enquanto tal, ainda hoje existe – embora transfigurado cultural e tecnologicamente no que hoje denominamos “audiovisual”.

Por “audiovisual” entende-se, etimologicamente, a combinação de som e imagem num ato de comunicação. Contudo, o termo está historicamente ancorado à imagem em movimento acompanhada de som, bem caracterizadora de meios como o cinema e a televisão. Ao longo do século xx, estes meios sofreram importantes transformações, que incluem o aparecimento do vídeo e, mais recentemente, do complexo “aglomerado” digital, onde se fundem formatos e géneros, situação bem patente no âmbito da internet.

Nesta área, os estudos especificamente votados ao panorama madeirense são escassos, porém merecedores de referência. Para além de alguns artigos esparsos, apenas três trabalhos de fundo foram publicados até hoje, debruçando-se particularmente sobre o cinema na Madeira, numa perspetiva histórica. Trata-se do livro de Maurício Marques que traça uma panorâmica da evolução do cinema na Madeira (1997)¹; a dissertação de mestrado de Ana Paula Almeida, que se foca essencialmente nas primeiras décadas do século XX (2010)²; e a obra recente de José Viale Moutinho, que se dedica a Manuel Luiz Vieira, cineasta madei-

¹ João Maurício Marques, *Os faunos do cinema madeirense*, Funchal, Editorial Correio da Madeira, 1997.

² Ana Paula Almeida, *Lugares e pessoas do cinema na Madeira. Apontamento para a história do cinema na Madeira de 1897 a 1930*, Coleção Teses, n.º 6, Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico, 2010 [publicação em CD-Rom].

rense (2013)³, todos editados no Funchal. Apoiados nestes valiosos contributos, e complementando com fenómenos por estes não abordados, seguiremos uma metodologia histórica e “genética”. Faremos, pois, uma síntese que divide o século XX em duas metades, e terminamos com uma reflexão acerca da atualidade, num olhar crítico ao novo século.

A primeira metade do século XX: ver (e fazer) cinema no Funchal

Podemos afirmar que o cinema chegou “cedo” à Madeira, após ter sido inventando oficialmente em 1895 pelos irmãos Lumière, em Paris. Assim o relatava a imprensa local, dando conta das primeiras sessões no Funchal, no ano de 1897. Como por toda a Europa, à Madeira foram chegando os filmes que faziam sucesso num mercado cinematográfico ainda incipiente, muito ligado ao espetáculo de feira, enquanto atrativa curiosidade.

As primeiras décadas foram alicerçando o novo gosto através de uma rede de divulgação feita de salas improvisadas, adaptadas ou reconvertidas. Referência incontornável, uma das salas mais importantes nas primeiras décadas foi, sem dúvida, o Teatro Dona Maria Pia⁴. Contudo, não podemos deixar de mencionar locais como o Teatro-Circo, o Salão Ideal, o Salão Central, o Salão Variedades e o Pavilhão Paris, entre outros. Registe-se também que em 1926 foi aberta a primeira sala de cinema fora do Funchal, no Estreito de Câmara de Lobos. O gosto pelo cinema difundiu-se, quer devido à sua vocação documental, quer à sedutora evasão provocada pela ficção. Foi-se tornando um entretenimento assaz popular, quando comparado aos concertos de música ou às peças teatrais, os quais foram perdendo público ao longo das décadas. A repercussão deste fenómeno na imprensa dos anos 10 e 20 é notável; e está na base dos estudos referidos.

Por outro lado, a nível da produção, o cinema cedo despertou a curiosidade dos entusiastas e amadores, sobretudo dos profissionais

³ José Viale Moutinho, *Manuel Luiz Vieira (1895-1952): a vertigem do mudo ao sonoro: um cineasta madeirense*, Funchal, Die4Films, 2013.

⁴ Trata-se do atual Teatro Municipal Baltazar Dias, que ainda hoje continua a funcionar como sala de espetáculos, e onde esporadicamente acontecem sessões e ciclos de cinema.

ligados à fotografia, nessa época. Os primeiros “fotógrafos-cineastas” dedicavam-se essencialmente a pequenos registos de carácter documental e a reportagens de eventos marcantes da história política e social da Ilha. Ao nível da fotografia, mas também do cinema feito no Funchal, devemos salientar a importância do espólio existente do Photographia – Museu “Vicentes”⁵.

Dos primeiros nomes relacionados com a produção regional, não podemos esquecer o de João dos Reis Gomes, que, em 1913, colaborou na realização da curta de ficção *O Cerco de Saji*, juntamente com André Valladura. Reis Gomes apresentou, de forma inédita no contexto nacional, excertos desse filme na peça de teatro *Guiomar Teixeira*, da sua autoria. A estranha presença de imagens cinematográficas no palco, em simultâneo com a representação, causou alguma polémica na época.

Nos anos 20, foi criada a produtora *Madeira Film*, propriedade de Francisco Bento de Gouveia, e na qual o jovem fotógrafo e operador de câmara Manuel Luiz Vieira iniciou a sua carreira, filmando reportagens de acontecimentos – hoje históricos – como, por exemplo, a passagem dos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral pelo Funchal, em 1923. Mas seria o ano de 1926 a ficar para a história do cinema local, e de algum modo nacional, pela mão de Manuel Luiz Vieira, que fundara entretanto a Empresa Cinematográfica *Atlântida*, realizando os filmes de ficção *A Calúnia*, *O Fauno das Montanhas* e *Indigestão*, entre 1925 e 1926. Contudo, é *O Fauno das Montanhas* que se constitui como uma precursora incursão no género do onírico, inédito no cinema português. Este curioso filme foi exibido apenas três vezes, tendo sido retirado pela Censura em 1929⁶.

Na década de 30, o cinema passou a ser “verdadeiramente” audiovisual, com a introdução do sonoro, facto que influenciou necessaria-

⁵ O Photographia – Museu “Vicentes” possui um núcleo museológico dedicado ao cinema, do qual faz parte o espólio da antiga Delegação de Turismo da Madeira, atual Direção Regional de Turismo. Cf. <http://photographiamuseuvicentes.gov-madeira.pt/instituicao.asp>

⁶ Até ao final da década de 20 do século XX, Manuel Luiz Vieira realizou vários documentários e, alguns anos depois, partiu para Lisboa, onde se radicaria definitivamente, trabalhando como operador de câmara junto de realizadores portugueses de renome, para além de realizar um número considerável de reportagens e documentários da sua autoria. Voltou pontualmente ao Funchal para filmar, falecendo em 1952.

mente a produção nacional. Entretanto, na Madeira, o arrojo criativo de Manuel Luiz Vieira não terá grandes consequências nas décadas seguintes, nem deixará seguidores no domínio da ficção. Nesta época, a Região foi sobretudo influenciada pela ideologia do Estado Novo, que incentivou a produção de documentários oficiais e de cunho nacionalista, muito ao gosto da propaganda oficial. Neste âmbito, um número considerável de produções nacionais registaram imagens da Madeira sob um ponto de vista turístico e etnográfico, deslocando até lá as respetivas equipas.

Não foi apenas a produção nacional a passar pela Madeira, mas também algumas equipas estrangeiras, embora de modo esporádico. Não pretendendo esgotar aqui a filmografia produzida parcial ou integralmente na Madeira por estes anos, destacamos porém, no género da ficção, o filme inglês *The Marriage of Corbal* (1936) e a produção americana da RKO, *Love Affair* (1938), que incluem algumas cenas gravadas na Madeira. No documentário destacamos os filmes *Madeira: A Garden in the Sea* (1931) e *Cruising the Mediterranean* (1933), ambos de produção inglesa. Apesar de escassa, a ficção portuguesa rodada na Madeira tem o seu mais relevante exemplo no filme *A Canção da Terra* (Jorge Brum do Canto, 1938). Um marco na cinematografia nacional, este filme experimentou o género misto da docuficção, e foi inteiramente rodado no Porto Santo.

Nos anos 40, a ficção está praticamente ausente da produção local, ou sediada na Madeira, muito pautada – quase em exclusivo – por documentários de carácter etnográfico e turístico. Ainda nesta época, e no que toca à distribuição dos filmes comerciais, registamos a inauguração de duas novas salas, exclusivamente dedicadas ao cinema: o Cine Parque (1940) e o Cine Jardim (1942). Não podemos fechar a abordagem a este período sem fazer uma menção especial ao madeirense Virgílio Teixeira (1917-2010), pelo lugar que ocupa na história do cinema nacional. O ator viveu grande parte da sua vida em Espanha, tendo participado em filmes portugueses de sucesso e desempenhado alguns papéis como ator secundário em Hollywood.

A segunda metade do século XX: tempo de alternativas e crises

O cinema que chegou ao Funchal ao longo das décadas de 50 e 60 não se afastou muito do paradigma anterior. Na década 60 foram inaugurados o Cine João Jardim e o Cine Santa Maria, espaços adaptados aos novos tempos e que incluíam melhorias nas condições sonoras e ecrãs vocacionados para os novos formatos panorâmicos. Mais tarde, em 1976, é inaugurado o Cine Casino – integrado no complexo arquitetónico Casino Park Hotel –, continuando a ser hoje a maior e mais moderna sala de espetáculos, do seu tipo, na Madeira⁷.

Contudo, uma nova forma de ver cinema chegava à Ilha, na década de 50: trata-se do cineclubismo. O Funchal foi a terceira cidade no país a ter um Cineclube, mais precisamente em 1952⁸. O Cineclube do Funchal constituiu-se para oferecer uma alternativa aos filmes distribuídos pelas salas de vocação mais comercial, pois apresentava uma filmografia mais vanguardista e votada a um público mais exigente, em termos intelectuais e estéticos.

No seguimento daquele cineclube é inaugurado, em 1966, o Cine-Fórum do Funchal, cujo fundador e dirigente foi José Maria da Silva. Mais do que um cineclube, o Cine-Fórum foi um caso de sucesso nas décadas de 70 e 80, chegando a ultrapassar os seus congéneres nacionais quanto ao número de associados e filmes exibidos. Para além da novidade de as sessões cinematográficas serem seguidas de debate, o Cine-Fórum foi também responsável pelo I Congresso Internacional dos Realizadores de Cinema no Funchal, no início dos anos 80. Depressa esta instituição alargou a sua atividade a outras manifestações artísticas, como as artes plásticas, a dança e a música; trazendo ao Funchal importantes eventos de vanguarda e de qualidade internacional, nos domínios referidos. Durante aproximadamente quatro décadas, o Cine-Fórum desempenhou um papel preponderante na formação do público cinéfilo na Madeira, preenchendo o vazio cultural que se fazia sentir na Região, por esses anos. Para além desta

⁷ O Cine Casino deixou de funcionar como sala de cinema associada à distribuição no final dos anos 80. É atualmente um espaço multiusos.

⁸ Lisboa e Porto inauguraram cineclubes em 1946 e 1947, respetivamente. Os fundadores do Cineclube do Funchal foram Marcelo Costa, Gilda Góis Ferreira, António Aragão, João Pestana e Maria Eduarda Tomás de Sousa.

iniciativa privada, a Câmara Municipal do Funchal contribuiu também para tal, organizando com alguma frequência ciclos de cinema clássico e alternativo no Teatro Baltazar Dias, ao longo dos anos 80 e 90.

Ainda na década de 70, a este panorama acresce o aparecimento da emissora regional de televisão, a RTP Madeira. Inaugurada em 1972, dedicou-se inicialmente a retransmitir os conteúdos da RTP nacional, produzindo apenas programas de informação e reportagem. É importante lembrar que, numa escala nacional, a televisão irá conquistar muitos espectadores ao cinema, contribuindo assim para a crise das salas de cinema verificada no final do século XX. Alinhada com a situação nacional, esta crise chegou também ao Funchal. Para além da concorrência da televisão local – entretanto reforçada pelo aparecimento dos canais nacionais privados com sinal aberto, na Região –, a drástica diminuição de espectadores foi causada por uma nova forma de ver cinema em casa: o fenómeno do aluguer de videocassetes. Este mercado emergente dotou a Região de um número considerável, mas efémero, de videoclubes. Mas, apesar da crise instalada, os anos 90 ainda testemunharam algumas iniciativas no sentido de abrir novas salas: o Cine D. João, o Cinemax e o Cine Deck foram, todavia, experiências de curta duração.

Voltamos de novo aos anos 50, agora no contexto da produção, para recordar que algumas equipas nacionais e estrangeiras foram aportando de modo intermitente ao Funchal. Da produção nacional destacamos o documentário *Pérola do Atlântico* (de Fernando Sousa, 1950) e três filmes de divulgação turística encomendados ao realizador Bernard Resdelzki pela Delegação de Turismo em 1956. Da ficção estrangeira destacamos a rodagem de algumas cenas do filme *Moby Dick* (John Huston, 1956) e da docuficção *Windjammer: The Voyage of the Christian Radich* (1958). Por sua vez, a produção inteiramente regional foi praticamente inexistente, ou muito pouco (re)conhecida.

Nas décadas de 60, 70 e 80, realizadores portugueses de reconhecido mérito, como José Fonseca e Costa e António Cunha Telles, foram fundamentais para a dinâmica da produção na Região. Sobretudo este último, através da sua empresa Produções Cunha Telles, coproduzindo várias películas. A título de exemplo, salientamos o filme *As ilhas encantadas* (Carlos Villardebó, 1965), rodado no Porto Santo e que contou com Amália Rodrigues como protagonista. O cinema de ficção dominou a década de 80, com Jesus Franco, Raul Ruiz e Barbet Schroeder, alguns dos realizadores estrangeiros que trabalharam na região.

Para além de serem produzidos na Madeira, estes filmes envolveram atores madeirenses, profissionais e amadores. Relevante por estas razões, recordamos a ficção francesa *Ennemis intimes* (Dennis Amar, 1987), filmada na ponta de São Lourenço, Caniçal.

Criada em 1986 pelo Governo Regional, a *Madeira Film Commission* sofreu altos e baixos desde que foi implementada, mudando de estatuto ao longo dos anos e sem ter tido uma ação verdadeiramente significativa na promoção da Ilha como destino de produção cinematográfica. Todavia, direta ou indiretamente relacionados com esta Comissão, alguns filmes rodados na Madeira, permanecem na memória coletiva. *Até amanhã, Mário* (Solveig Nordlund, 1994) foi filmado no Funchal e em Câmara de Lobos, abordando o tema polémico da infância empobrecida. O madeirense Vicente Jorge Silva, radicado em Lisboa, regressou ao arquipélago para filmar *Porto Santo* (1997). Nesta década, alguns capítulos de séries televisivas estrangeiras e de telenovelas nacionais foram aqui gravados.

Não podemos descurar nesta panorâmica o lugar de um tipo da criação “paralela”, embora comunicante com as formas, mais convencionais, que aqui temos abordado. Com a introdução da tecnologia vídeo a partir dos anos 60 – e que consiste na gravação de sinais vídeo e áudio em fita magnética –, o mundo das artes plásticas veria nascer, ao longo das décadas de 60 e 70, uma prática ligada a esta nova tecnologia audiovisual. Num primeiro momento, o vídeo surgiu no contexto da *videoart* e do experimentalismo conceptual. Mais tarde, a partir dos anos 80, o vídeo foi integrado de um modo mais livre e diversificado em performances e instalações artísticas.

Em Portugal, e na Madeira em particular, também se faziam sentir ecos desta renovação de linguagens. António Aragão e António Dantas foram, entre outros, pioneiros de uma prática artística local que recorreu ao vídeo como ferramenta de expressão, entre outras tecnologias e linguagem que aqueles artistas experimentaram. Esta atividade artística foi sem dúvida potenciada pelos artistas referenciados, mas também pela existência de um ensino superior artístico na Região.

No final dos anos 70, o Instituto Superior de Artes Plásticas da Madeira (ISAPM)⁹ foi pioneiro da formação em cine-vídeo na Região,

⁹ O ISAPM foi criado oficialmente em 1977, no decurso da extinção da Academia de Belas-Artes e Música da Madeira. Em 1992, o Instituto foi integrado na

numa perspetiva introdutória e experimental – e no seio dos cursos de Pintura, Escultura e Design. Embora não sendo uma formação especializada, estas disciplinas despertaram o gosto pela linguagem audiovisual quer nos alunos quer nos visitantes das sucessivas mostras que o ISAPM organizou ao longo dos anos 80 e 90, formando público e motivando assim para a criação artística neste campo.

Século XXI: o futuro, hoje?

O cinema chegou cedo à Madeira no século passado mas, mesmo assim, levou dois anos a chegar. Hoje, a Região acompanha a revolução informativa das sociedades digitais, porque vivemos, de facto, na tão anunciada aldeia global. A divulgação do audiovisual e de outros produtos multimédia, no século XXI, é feita mormente pelas grandes empresas de disponibilização de conteúdos – como a ZON e a MEO –, mas também, e de forma mais livre e plural, pelas redes, sítios e canais de vídeo *online*. Apesar destes novos meios, algumas salas de cinema comercial sobrevivem hoje no Funchal, integradas na dinâmica dos centros comerciais.

Contudo, na Madeira assistimos ao surgimento de várias iniciativas que têm por base eventos de carácter cinematográfico. Esta linha é iniciada pela cooperativa Plano XXI, da responsabilidade de Henrique Silva – que fez nascer o *Funchal International Film Festival*, em 2005 – e que trouxe até ao Funchal atrizes como Geraldine Chaplin, Claudia Cardinale, Susanah York e Vitoria Abril. Seguiram-se o *Madeira Film Festival*, em 2012, vocacionado para a Natureza e temáticas ambientais; e o *MudasFest*, festival de curtas-metragens, organizado pelo Centro das Artes-Casa das Mudas, entre outros. Previsto está, para 2014, um festival de cinema dedicado ao *surf* e organizado também pela Plano XXI. Denotamos, pois, uma tendência atual para organizar eventos cinematográficos que investem claramente na atratividade da Madeira como destino, não só de produção, mas também de realização de encontros internacionais de cinema, de que os referidos festivais são exemplo.

Universidade da Madeira (UMA), mudando de nome para Instituto Superior de Arte e Design (ISAD), constituindo-se depois como Departamento de Arte e Design. Hoje em dia, os cursos desta área integram-se no Centro de Artes e Humanidades da UMA.

Nesta dinâmica de produção de conteúdos e de organização de festivais, será fundamental o papel que possa vir a ter a *Madeira Film Comission*, já aqui mencionada. Em 2008, esta Comissão ganhou novo alento com a mudança de tutela e a criação de protocolos junto de parceiros externos. Finalmente é publicado, em 2013¹⁰, o seu regulamento interno, no qual é explicitada a sua missão: posicionar e promover a Região como local de rodagem, tendo em vista o desenvolvimento da economia do sector. Atua concretamente nas áreas da prospeção, identificação e promoção das potencialidades da Região enquanto destino de produções, assim como na articulação dos contactos entre as entidades locais e as equipas de produção que aqui escolhem operar. A *Madeira Film Commission* vem trabalhando com a APCA¹¹ no sentido de promover o destino Madeira em festivais de cinema no exterior; tal como aconteceu no Festival de Cannes em 2009, entre outras iniciativas.

Quanto à ficção nacional, o novo século trouxe à Madeira a produção das longas-metragens *Cristóvão Colombo – o enigma* (Manoel de Oliveira, 2007) e *A corte do Norte* (de João Botelho, 2008), entre um conjunto vasto de curtas-metragens que circulam pelos festivais e pelos canais *online*, de modo independente. A produção local vem sustentando a sua atividade, em parte associada à televisão, quer regional quer nacional, no sentido de produzir conteúdos locais para programas de entretenimento, entrevistas, reportagens, variedades, programas juvenis, desportivos, etc. Destacamos nesta linha, a produtora *Die4films* e *Eduardo Costa Produções* que, para além de produzir para televisão, trabalham para o mercado publicitário e institucional.

Associados àquelas produtoras, mas não só, vão emergindo jovens talentos que de modo independente têm marcado presença em festivais nacionais e internacionais, trabalhando sobretudo no formato de curta-metragem. Filipe Ferraz e Eduardo Costa assim o têm demonstrado, com portfólios consistentes até à data. O filme *As memórias que nunca se apagam* (Dinarte de Freitas e Eduardo Costa, 2009) esteve presente no Festival de Cannes em 2009; e a curta *Full House* (Bruce Paulino da

¹⁰ Despachos 76/2013 e 77/2013. Cf. *Jornal Oficial da Região Autónoma da Madeira*, II Série, n.º 72, de 12 de abril de 2013.

¹¹ Agência de Promoção da Cultura Atlântica fundada em 2004. Cf. em linha: <http://www.apca-madeira.org>

Silva e Rui Dantas Rodrigues, 2009) foi selecionada para o mesmo Festival em 2010.

Por outro lado, no domínio do audiovisual artístico, é importante destacar o projeto *What is Watt?*¹², surgido do diálogo entre artistas locais e alguns madeirenses a residir em Portugal continental. Este coletivo artístico organizou quatro mostras no Funchal e duas no Norte do país (entre 2001 e 2007), nas quais o audiovisual marcou larga presença, na sua vertente experimental. Entre outras técnicas e linguagens, importa aqui destacar o uso do vídeo projetado; o vídeo em monitores de TV; diaporamas audiovisuais compostos por fotografia e som; ou ainda instalações exclusivamente sonoras. Tendo participado neste evento, destacamos artistas como Hugo Olim, Vítor Magalhães e Carlos Valente, todos docentes da Universidade da Madeira e que têm mostrado continuidade na prática estética experimental, ligada ao audiovisual.

Ainda no contexto experimental, é importante referir o festival de artes digitais *MadeiraDig*¹³. Criado em 2004, este evento tem trazido à Madeira artistas internacionais ligados à música experimental e à performance multimédia que envolve a interação entre som e imagem, mediada por dispositivos informáticos. Este evento convidou artistas locais, como Hugo Olim, que apresentou obra visual em parceria com artistas sonoros, de âmbito internacional. O festival integrou também, na sua edição de 2006, uma mostra de *videoart* produzido na Madeira. Destaque-se, em 2008, a participação do madeirense Carlos Caires, artista e docente na Universidade Católica do Porto, que apresentou uma instalação de cinema interativo, a primeira do seu género na Madeira.

Para concluir, e no que diz respeito ao ensino, o pouco que existe resume-se às escolas profissionais da Região, que oferecem cursos iniciais de técnico de audiovisuais, assim como à abertura esporádica de cursos livres e *workshops*. Por esta razão, é sentida a falta de um curso superior verdadeiramente especializado e aprofundado na área do cinema e do audiovisual. Embora não especializados em cinema, a Universidade da Madeira (UMA) oferece os cursos superiores de Arte e

¹² Cf. em linha: <http://www.whatiswatt.org/>

¹³ Hoje denominado *MadeiraDig International Music Festival* e mais vocacionado, como o nome indica, para a música eletrónica do que para a imagem. Cf. em linha: <http://digitalinberlin.eu/line-up/archive/>

Multimédia e de Design, que proporcionam formação inicial na área do audiovisual e multimédia, integrando nos seus currículos as novas realidades digitais. Mais recentemente, com a criação de pós-graduações ligadas a esta área, integradas na parceria com a Carnegie Mellon, tem sido oferecida formação avançada nas tecnologias informáticas interativas, que modelam o audiovisual nos nossos dias.

Por outro lado, o recém-nascido Clube Universitário de Cinema da UMA tem vindo a organizar ciclos temáticos desde 2013. Esta iniciativa pretende “reanimar” no Funchal o espírito cineclubista, adaptado ao século XXI; um tempo em que o modo de ver cinema tanto se alterou, mas que não substitui nem a experiência de assistir a um filme em auditório, nem o subsequente debate de ideias.

Alguns desafios, que se podem entrever para um futuro próximo, passam pela necessária coordenação das diversas áreas, do ensino, da produção, da promoção, da distribuição, etc., de modo a ultrapassar a pouca duração do paradigmático pioneirismo que a Ilha tem demonstrado em diversas áreas. Por outro lado, rever a função de organismos, pessoas e instituições com objetivos e funções muito semelhantes e por vezes sobrepostos, mas que vão operando, quase sempre, de “costas viradas”. Num arquipélago com a dimensão do nosso, a proximidade e união de esforços deveria ser regra.